



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

Pauliana da Silva Queiroz Campos

Da minha janela e Guayarê: o menino da Aldeia do Rio – representatividade e identidade

João Pessoa/PB
2024

Pauliana da Silva Queiroz Campos

Da minha janela e Guayarê: o menino da Aldeia do Rio – representatividade e identidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus I) como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira.

João Pessoa/PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

c198m Campos, Pauliana da Silva Queiroz.

Da minha janela e Guayare - O menino da aldeia do rio : representatividade e identidade / Pauliana da Silva Queiroz Campos. - João Pessoa, 2024.

45 f.

Orientadora : Maria Aparecida Cruz de Oliveira.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Literatura infantil. 2. Identidade. 3. Representatividade. 4. Infâncias. I. Oliveira, Maria Aparecida Cruz de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-93

Pauliana da Silva Queiroz Campos

Da minha janela e Guayarê: o menino da Aldeia do Rio – representatividade e identidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus I) como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientação: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira – (DLCV/UFPB)
Orientadora

Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi – (DLCV/UFPB)
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esrael – (DLPL/UFPB)
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira – (DLPL/UFPB)
Membro Suplente

João Pessoa /PB
2024

Agradecimentos

A Deus, por sua presença ao meu lado nesta longa jornada do curso.

A minha família, pelo apoio e compreensão, especialmente, a minha mãe, Francileide Semeão dos Santos, por seu cuidado e zelo fazendo esta jornada acadêmica mais leve.

Ao meu filho Heitor Queiroz Campo, que nasceu em meio ao curso, resignificando minha vida e a arte de ensinar.

A minha orientadora Maria Aparecida Cruz de Oliveira, por toda dedicação, paciência e serenidade na orientação deste trabalho.

Por fim, a todos que contribuíram de maneira direta ou indiretamente no desenvolvimento deste trabalho, meus agradecimentos.

Ao meu pai, Joaquim Batista dos Santos, que enriqueceu, profundamente, minha vida com educação.

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a análise das representações das infâncias indígenas e negras nas obras literárias *Da Minha Janela* (2008), de Otávio Júnior, e *Guayarê: o menino da Aldeia do Rio*, de Yaguarê Yamã. A investigação visa compreender como essas narrativas literárias apresentam as vivências, tradições e a formação identitária de crianças pertencentes a grupos historicamente marginalizados. A metodologia empregada neste estudo é de natureza qualitativa, centrada na análise literária crítica das obras selecionadas, utilizando-se de uma abordagem analítica/reflexiva para compreender a construção simbólica e cultural das infâncias retratadas. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica ancorada em teóricos como Graúna (2013), Rildo Cosson (2014), Trindade (2010) e Soares (2009), cujas contribuições enfocam a literatura como ferramenta de resistência e transformação sociocultural, essencial para o desenvolvimento da identidade e do senso de pertencimento em populações sub-representadas. As reflexões obtidas a partir da análise das narrativas apontam para o papel central da literatura infantil no fomento à diversidade cultural e na promoção da visibilidade de experiências e narrativas que geralmente são marginalizadas, evidenciando sua relevância na formação crítica e cidadã das crianças.

Palavras-chave: Literatura infantil, representatividade, identidade, infâncias.

Abstract

This study analyzes the representations of indigenous and black childhoods in the literary works *Da Minha Janela* (2008), by Otávio Júnior, and *Guayarê: o menino da Aldeia do Rio*, by Yaguarê Yamã. The research aims to understand how these literary narratives present the experiences, traditions and identity formation of children belonging to historically marginalized groups. The methodology used in this study is qualitative in nature, centered on the critical literary analysis of the selected works, using an analytical/reflective approach to understand the symbolic and cultural construction of the childhoods portrayed. To this end, a bibliographic review will be carried out based on theorists such as Graúna (2013), Rildo Cosson (2014), Trindade (2010) and Soares (2009), whose contributions focus on literature as a tool of resistance and sociocultural transformation, essential for the development of identity and a sense of belonging in underrepresented populations. The reflections obtained from the analysis of the narratives point to the central role of children's literature in fostering cultural diversity and promoting the visibility of experiences and narratives that are generally marginalized, highlighting its relevance in the critical and civic formation of children.

Keywords: Children's literature, Representation, Identity, Childhoods.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo I – Literatura infantil: caminhos para celebrar a diversidade	10
1. Reflexões sobre a literatura infantil: perspectivas históricas e contemporâneas.....	10
1.2 Literatura infantil indígena: representatividade e resistência	13
1.3 Literatura infantil de autoria negra: representatividade e identidade.....	16
Capítulo II: As infâncias em <i>Da minha janela</i> e em <i>Guayarê: o menino da Aldeia do Rio</i>...	20
2. Otávio Júnior: “quero ver a favela vencendo através da minha arte”.....	20
2.1 <i>Da minha janela</i> : entre a proteção e a descoberta do mundo	22
2.1.1 Desafios e resiliência na formação da representação da identidade	28
2.2 Yaguarê Yamã: como surge um escritor indígena	32
2.2.1 Infância indígena: harmonia com a natureza e preservação da tradição.....	34
2.2.2 Desafios e pertencimentos na formação de Guayarê	38
Conclusão	41
Referências	43

Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) titulado *Da Minha Janela e Guayarê: O menino da aldeia do rio* – representatividade e identidade, analisa as representações das infâncias indígenas e negras em duas obras contemporâneas: *Da Minha Janela* (2008), de Otávio Júnior, e *Guayarê: o menino da Aldeia do Rio*”, de Yaguarê Yamã. Analisaremos como essas produções literárias refletem as vivências e experiências culturais de crianças pertencentes a esses dois grupos historicamente marginalizados no Brasil, as crianças indígenas e negras brasileiras.

No primeiro capítulo desta pesquisa, apresento como a literatura infantil pode promover diversidade e inclusão, destacando as identidades afro-brasileira e indígena. Trago um pequeno recorte do início da história da literatura infantil, para mostrar sua mudança significativa passando de uma abordagem pedagógica para uma que reconhece a infância como uma fase única de desenvolvimento, com necessidades emocionais e sociais distintas. O conceito de letramento é abordado destacando que ele vai além da leitura e da escrita, envolvendo habilidades críticas e culturais essenciais para a formação integral das crianças. O letramento literário, nesse contexto, é visto como uma prática que promove a inclusão e a construção de uma sociedade mais igualitária, sendo crucial para a valorização da diversidade.

No Capítulo II, são analisadas as obras *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior, e *Guayarê: o menino da Aldeia do Rio*, de Yaguarê Yamã, que apresentam as infâncias negras e indígenas no Brasil. Em *Da minha janela*, Otávio Júnior retrata a vida de um menino negro em uma favela carioca, explorando as dinâmicas de exclusão e resistência vividas em comunidades periféricas. A "janela" funciona como uma metáfora para a dualidade entre a proteção e a descoberta do mundo exterior. Já em *Guayarê*, Yaguarê Yamã narra a infância de um menino indígena que vive em harmonia com a natureza e aprende com sua comunidade os valores e saberes ancestrais. A obra evidencia a importância da preservação cultural e da identidade indígena, especialmente diante das influências externas que ameaçam essas tradições.

No livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior, há o retrato da infância negra em um ambiente urbano periférico, explorando as dinâmicas sociais, os desafios e as esperanças presentes no cotidiano das crianças que vivem nas favelas. A obra destaca a visão de uma criança sobre o mundo ao seu redor, utilizando a janela como uma metáfora para a observação e interação com a realidade marcada por questões raciais e sociais. Ao abordar a infância negra em um contexto urbano, Otávio Júnior enfatiza a resistência, a

criatividade e o afeto que emergem desses espaços, desafiando estereótipos e promovendo a valorização das histórias e identidades negras.

Saindo do asfalto, encontramos a narrativa de “Guayarê: o menino da Aldeia do Rio”, de Yaguarê Yamã. Essa obra oferece uma representação rica e detalhada da infância indígena. A narrativa acompanha Guayarê, uma criança indígena que vive em uma aldeia à beira de um rio, em profunda conexão com a natureza e com as tradições de seu povo. Através da perspectiva do menino, o livro explora o conhecimento ancestral, os valores comunitários e o respeito pelo meio ambiente, destacando a importância da oralidade e da sabedoria indígena. Yamã, descendente de povos indígenas, utiliza sua obra para dar visibilidade às experiências e aos saberes indígenas, promovendo uma literatura que valoriza a diversidade cultural e o respeito pelas tradições ancestrais.

Capítulo I – Literatura infantil: caminhos para celebrar a diversidade

1. Reflexões sobre a literatura infantil: perspectivas históricas e contemporâneas

De acordo com Azevedo (2001, p. 5), a adaptação da literatura às especificidades da leitura infantil e o ajuste estético às fases de aprendizagem emergiram no Ocidente como uma preocupação pedagógica, e não meramente literária. Ele aborda, em seu artigo “Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares”, que no século XVII, a literatura infantil era tratada principalmente sob uma perspectiva pedagógica, como um meio de consolidar hábitos, crenças e comportamentos, enquanto o aspecto literário era secundário, voltado principalmente para fins educacionais. Essa abordagem utilitária-pedagógica da literatura foi preponderante por um longo período, até que o reconhecimento da infância como uma fase existencial única, com características próprias, trouxe uma nova perspectiva.

A literatura infantil ganhou destaque e popularidade a partir do momento em que a infância passou a ser reconhecida como uma fase existencial única, repleta de características singulares. Essa nova perspectiva transformou a forma como a literatura se relacionava com as crianças, levando em consideração suas necessidades emocionais, cognitivas e sociais.

Historicamente, a infância era percebida como uma extensão da vida adulta, em que as crianças eram tratadas como miniadultos, sem a devida consideração por suas particularidades. No entanto, com o avanço das ciências sociais e psicológicas, começou-se a entender que a infância é um período crítico de desenvolvimento, marcado por curiosidade, imaginação e a formação da identidade. Essa mudança de paradigma permitiu que a literatura infantil se tornasse um espaço de exploração e expressão, refletindo as experiências e os sentimentos das crianças.

A literatura infantil está profundamente ligada ao conhecimento cultural e ao desenvolvimento intelectual e cognitivo. Segundo Cosson (2006, p. 20), “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para promover a formação cultural do indivíduo”. Esse pesquisador, também destaca que a prática literária, seja por meio da leitura ou da escrita, representa uma exploração das potencialidades da linguagem que não tem paralelo em outras atividades humanas (Cosson, 2006, p. 16). Dessa forma, a literatura é essencial para o desenvolvimento da criança, devendo ser abordada desde as séries iniciais para preparar os estudantes para os anos seguintes.

A literatura infantil pode refletir e reproduzir o mundo adulto de várias formas, como observa Zilberman (2003):

[...] a obra literária pode reproduzir o mundo adulto: seja pela atuação de um narrador, que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis; seja pela veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos; seja pela utilização de uma norma linguística ainda não atingida por seu leitor, devido a falta de experiência mais complexa na manipulação com a linguagem. Assim, os fatores estruturais de um texto de ficção –narrador, visão de mundo, linguagem- podem-se converter no meio por intermédio do qual o adulto intervém na realidade imaginária, usando-a para incutir sua ideologia (Zilberman, 2003, p. 23).

Zilberman (2003) destaca que a literatura infantil pode servir como um meio de intervenção do adulto na formação da realidade imaginária da criança. Essa intervenção pode tanto transmitir valores sociais importantes quanto limitar a capacidade da criança de desenvolver um senso crítico e uma imaginação autônoma.

Reconhecer a dinâmica de poder entre o adulto e a criança na literatura é crucial para promover uma abordagem mais equilibrada e sensível às necessidades infantis. Isso envolve uma prática de leitura que valoriza a voz da criança, incentiva a diversidade de representações e cria espaços que permitam a exploração e o questionamento criativo. Cavalcanti (2009, p. 39) afirma que “[...] a literatura infantil pode ser, para a criança, um aspecto para a expansão do seu ser [...] ampliando o universo mágico, trazendo o real da criança para que esta se torne um adulto mais criativo, integrado e feliz”.

Contribuindo para esse debate, Martins (2006, p. 30) define a leitura como “um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”. E Freire (2001, p. 261) complementa ao afirmar que “ensinar a ler é engajar-se em uma experiência criativa em torno da compreensão e da comunicação”. Assim, a leitura envolve uma interação rica e significativa com o mundo, não se limitando à decodificação de palavras.

No contexto do letramento infantojuvenil, a definição de "letramento" revela-se extremamente complexa e multifacetada. O conceito de letramento vai além da mera habilidade de ler e escrever; ele abrange uma vasta gama de conhecimentos, habilidades e valores que são fundamentais para a formação integral do indivíduo. Esse conceito é crucial para a compreensão do desenvolvimento cognitivo e social das crianças e para a promoção da inclusão e da equidade.

Soares (2009, p. 65), em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros*, destaca a dificuldade em definir letramento devido à sua abrangência e complexidade. O

letramento não se restringe à decodificação de palavras ou à capacidade de escrever de forma convencional. Em vez disso, ele envolve a capacidade de interpretar e utilizar a linguagem de maneira crítica e contextualizada em diversas situações da vida cotidiana. Isso inclui a compreensão de textos em diferentes formatos, a capacidade de produzir textos para diversos públicos e finalidades, e a habilidade de refletir sobre a função e o impacto da linguagem na sociedade.

O desenvolvimento do letramento infantojuvenil é um processo que envolve a capacidade de utilizar essas habilidades de forma criativa e crítica. Além de suas implicações para o desenvolvimento individual, o letramento desempenha um papel crucial na redução das desigualdades e na promoção da inclusão. Através da educação literária, crianças de diferentes origens sociais e culturais têm a oportunidade de adquirir as competências necessárias para participar plenamente da vida social e econômica. O letramento é uma ferramenta fundamental para a inclusão social, pois proporciona o acesso ao conhecimento, à cultura e às oportunidades que são essenciais para a formação de cidadãos críticos e engajados.

Além disso, o letramento literário envolve a valorização da diversidade cultural. Isso significa que a literatura infantil deve refletir a diversidade cultural e social da sociedade, oferecendo representações variadas que permitam às crianças se reconhecerem e se sentirem valorizadas.

A literatura infantil, quando abordada de forma inclusiva e crítica, pode servir como um poderoso agente de mudança social. Ao proporcionar às crianças acesso a uma ampla gama de perspectivas e experiências, ela contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O desenvolvimento do letramento deve, portanto, ser visto não apenas como uma questão educacional, mas também como um aspecto central da luta por equidade e justiça social.

Assim, a complexidade do letramento infantojuvenil reside em sua capacidade de englobar e interligar dimensões técnicas, culturais e sociais do desenvolvimento infantil. A compreensão e a prática efetiva do letramento exigem uma abordagem que reconheça a importância da diversidade e da inclusão, e que esteja comprometida com a criação de oportunidades equitativas para todas as crianças. Espaços em que desenvolve estas habilidades, tem como papel produzir um discurso que provoque menos desigualdade.

Sousa (2005, p. 199-200) aponta que durante as décadas de 1970 e 1980, a literatura infantil começou a refletir uma representação mais realista, apesar de ainda ser permeada por preconceitos e discriminações. A partir do final dos anos 1980, houve um

destaque para aspectos da cultura negra, promovendo maior inclusão e valorização das diversidades étnicas e culturais no Brasil, o que foi crucial para o empoderamento social e a formação da identidade dos jovens leitores.

Quando envolve literatura indígena, a sua introdução ganhou impulso a partir de 2008 (Brandileone; Valente, 2018), com a promulgação da Lei nº 11.645, que impulsionou e garantiu um espaço maior para o ensino da história e cultura dos povos indígenas no currículo das escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essa legislação não apenas reconhece a contribuição dos povos indígenas na formação da sociedade brasileira, mas também incentiva a criação de práticas pedagógicas que integrem essas culturas nas disciplinas de história, literatura brasileira e educação artística.

São exemplos significativos de um movimento inclusivo, a produção de autores indígenas e negros da literatura infantil contemporânea, como Daniel Munduruku e Kiusam de Oliveira. Daniel Munduruku é um dos mais renomados escritores indígenas do Brasil, autor de *Histórias de Índio* (1996) e Kiusam de Oliveira, escritora negra que aborda temas como a identidade negra, a ancestralidade e o empoderamento das crianças negras, como na obra *Omo-Oba: histórias de princesas* (2009).

1.2 Literatura infantil indígena: representatividade e resistência

A literatura infantil de autoria indígena tem ganhado destaque no cenário educacional brasileiro desde a promulgação da Lei nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura dos povos indígenas nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essa lei, que altera a Lei nº 9.394/1996 e a Lei nº 10.639/2003, representa um importante passo no reconhecimento da contribuição indígena na formação da sociedade brasileira (Brasil, 1988, p. 27).

A literatura indígena voltada para o público infantil desempenha um papel crucial na promoção da representatividade e na desconstrução de estereótipos (Instituto Alana, 2024). Autores como Daniel Munduruku, com mais de 54 livros publicados, utilizam suas obras como ferramentas de conscientização, buscando trazer visibilidade para a temática indígena e oferecer um olhar diferenciado sobre essas populações.

No entanto, é importante ressaltar que associar o conceito de literatura apenas a produções escritas é um equívoco. A literatura indígena possui raízes na tradição oral, envolvendo elementos como dança, música e ilustrações, além de gêneros literários ocidentais. Tentar enquadrar essa literatura em modelos ocidentais pode ser uma forma

de colonização ou apagamento de expressões artísticas dos povos nativos.

Apesar dos desafios, a literatura infantil indígena tem ganhado espaço nas escolas, contribuindo para a redução do preconceito e a valorização da diversidade cultural. Projetos como o "Fazendo cerâmica como nossos avós" e a leitura de obras como "Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória", de Daniel Munduruku, têm sido utilizados para promover o conhecimento e a aceitação da cultura indígena entre os alunos.

Em suma, a literatura infantil indígena pode ser uma ferramenta poderosa para a promoção da representatividade, a desconstrução de estereótipos e a valorização da diversidade cultural no Brasil. Sua presença nas escolas, impulsionada pela Lei nº 11.645/2008, tem o potencial de transformar a forma como as crianças e jovens compreendem e se relacionam com os povos indígenas.

Bergamaschi e Gomes (2012) destacam como a educação e as representações midiáticas perpetuam uma visão distorcida dos povos indígenas, moldada por perspectivas colonizadoras. Essa visão limitada e frequentemente romantizada impede o reconhecimento da diversidade e contemporaneidade das culturas indígenas, resultando

em estigmas que persistem ao longo da vida. A escassez de contatos significativos com a temática indígena na educação e na vida adulta reforça essa desconexão, tornando essencial a inclusão de narrativas indígenas autênticas nos currículos escolares e nas mídias.

Muitas vezes essa imagem de índio que é constituída na infância permanece para o resto da vida, pois são escassos os contatos com a temática indígena no restante do período de escolarização e na vida adulta, tendo várias mídias a veicular imagens não condizentes com os modos de vida contemporâneos dos povos ameríndios. Essa visão deformada dos indígenas se perpetua justamente pelo fato da nossa história ser contada até hoje a partir da visão do colonizador, sem dar oportunidade para que os diferentes povos apresentem a sua visão em relação a si mesmo e à História do nosso país (Bergamaschi e Gomes, 2012, p.57-58).

Antonio Candido (2011) argumenta que as literaturas latino-americanas evoluíram de uma relação de dependência cultural para uma interdependência, em que os escritores de países subdesenvolvidos adaptam influências externas para expressar questões locais. Essa transformação não se resume a uma mera imitação, mas envolve uma profunda reinterpretação que resulta em uma produção literária única. Assim, a literatura se torna um espaço de diálogo e troca cultural, refletindo a realidade social e histórica de cada nação, e contribuindo para uma rede literária mais rica e diversificada

(Candido, 1987, p. 69).

A literatura desempenha um papel fundamental na formação do conhecimento e na construção cultural, especialmente em contextos em que direitos civis são restritos. A afirmação de que "o direito de acesso à literatura" é vital se destaca em um período em que a liberdade de expressão foi cerceada. Nesse cenário, a literatura não apenas oferece um espaço de resistência, mas também possibilita a reflexão crítica sobre a realidade social, permitindo que os indivíduos compreendam melhor o mundo ao seu redor e desenvolvam uma consciência cultural mais ampla. Cândido no texto o "Direito à literatura" afirma:

Em comparação a eras passadas, chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto, a irracionalidade do comportamento também é máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria (Candido, 2011, p. 171).

Assim a literatura fortalece discussões sendo um espaço de resistência e expressão. Para Graúna (2013), a literatura indígena contemporânea representa muito mais do que apenas um gênero literário. "Ela é um lugar utópico (de sobrevivência)", onde os povos indígenas encontram um meio de preservar sua cultura e identidade em um mundo que muitas vezes os silencia e marginaliza.

Essa literatura é também uma "variante do épico tecido pela oralidade" Graúna (2013). Ela preserva a tradição oral indígena, transmitindo histórias, mitos e conhecimentos ancestrais através da palavra escrita. Dessa forma, a literatura indígena contemporânea funciona como um elo entre o passado e o presente, mantendo viva a memória e a cultura desses povos.

Além disso, a literatura indígena é um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas). Ela dá voz a grupos historicamente excluídos e oprimidos, permitindo que os próprios indígenas narrem suas histórias e experiências. Essa literatura se torna, assim, um instrumento de resistência e empoderamento, desafiando os discursos hegemônicos e afirmando a existência e a importância das culturas indígenas.

Portanto, a literatura indígena contemporânea vai muito além da mera produção literária. Ela é um espaço de sobrevivência, de preservação da memória e da identidade, e de luta por reconhecimento e justiça social. Ao ler e valorizar essa literatura, podemos

aprender sobre a riqueza e a diversidade das culturas indígenas, e nos engajar na construção de um mundo mais justo e inclusivo para todos. Quando a obra literária é construída e compartilhada o escritor indígena revela ao mundo que:

apesar da falta do seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível. Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas (Graúna, 2013, p. 55).

A obra literária indígena contemporânea é um espaço de resistência e afirmação cultural, em que os escritores indígenas, apesar da marginalização na sociedade letrada, expressam suas vozes e experiências. Graúna (2013) destaca que essa literatura não apenas confronta questões identitárias, mas também busca um diálogo com textos não indígenas, evidenciando a complexidade das realidades indígenas.

Esse movimento, que ganhou força a partir da década de 1990, permite que as narrativas indígenas sejam ouvidas e reconhecidas, contribuindo para a construção de um "outro mundo possível". A literatura torna-se, assim, um veículo para a reflexão crítica sobre a identidade, a história e os desafios enfrentados pelos povos indígenas, promovendo um espaço de confluência entre diferentes perspectivas culturais e sociais.

1.3 Literatura infantil de autoria negra: representatividade e identidade

É fundamental, além de ser um direito garantido pela Constituição Federal pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que as crianças negras tenham acesso à história e à cultura de seu povo em pé de igualdade com os demais grupos formadores da nação brasileira. Essas devem ser apresentadas de forma positiva, não estereotipada (Brasil, 1988, p. 27).

O conhecimento histórico é o ponto de partida para a construção da identidade de um povo. Não é por acaso que todas as ideologias de dominação tentaram falsificar e destruir as histórias dos povos que dominaram. Portanto, garantir o acesso à história e cultura negra na educação é essencial para: promover a igualdade de condições de acesso e permanência na escola; valorizar a diversidade étnico-racial brasileira; construir uma identidade positiva para crianças e jovens negros e combater o racismo e a discriminação na sociedade (LDB, 1996, p. 27).

A LDB estabelece que os currículos da Educação Básica devem incluir o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Cabe às escolas e sistemas de ensino implementar essa diretriz de forma efetiva, contribuindo para uma educação antirracista e promotora da igualdade racial.

A construção da identidade é um processo complexo que abrange diversas dimensões, como ressalta Santos (2012, p. 77): “[...] nenhuma identidade é construída no isolamento, mas a partir das nossas relações, da cultura que possuímos, da história que carregamos e dos lugares sociais e políticos que ocupamos”. Dessa forma, entendemos a importância das interações sociais e do contexto cultural na formação do eu. Essa perspectiva sugere que a identidade não é apenas uma questão individual, mas um fenômeno coletivo, moldado por experiências compartilhadas e pela história comum de um grupo.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) também é um documento que permite o professor construir sua práxis pedagógica, dando caminhos para trabalhar os grupos sociais e culturais.

Por sua vez, no contato com grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidado pessoais e do grupo, costume, celebrações e narrativas, que geralmente ocorre na educação infantil, é preciso criar oportunidades para as crianças ampliarem o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizando sua identidade, respeitarem os outros e reconhecerem as diferenças que nos constituem como seres humanos (Brasil 2017, p. 36).

As relações interpessoais desempenham um papel fundamental na forma como nos percebemos e somos percebidos pelos outros. A cultura que carregamos, composta por tradições, valores e narrativas históricas, estabelece a base sobre a qual nossa identidade é construída. Além disso, os “lugares sociais e políticos” que ocupamos têm um impacto direto sobre nossas experiências e, por conseguinte, sobre nossa identidade.

Por exemplo, a vivência de uma pessoa negra em um contexto em que a cultura afro-brasileira é valorizada pode resultar em uma construção identitária mais positiva e forte do que em um ambiente onde essa cultura é marginalizada.

Segundo Kiusam de Oliveira, a literatura é uma ferramenta poderosa para fortalecer identidades e combater discriminações. A escritora descreve a literatura como “[...] alimento estratégico para o corpo e a alma,” (Kiusam, 2020, p. 361) destacando que a leitura e a escrita vão além do mero entretenimento, servindo também como meios de resistência e afirmação. A literatura proporciona uma plataforma para que vozes marginalizadas sejam ouvidas, oferecendo representatividade e visibilidade a

experiências que, frequentemente, são silenciadas (Bento, 2020, p. 361).

A importância da representatividade na literatura não pode ser subestimada. Quando crianças negras leem histórias que refletem suas experiências e culturas, elas se veem representadas e reconhecidas. Isso não apenas fortalece sua autoestima, mas também contribui para a construção de uma identidade positiva. A literatura, portanto, serve como um espaço de reflexão e diálogo, onde questões de raça, classe e gênero podem ser exploradas e discutidas.

A intersecção entre identidade e literatura é fundamental para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Ao reconhecer que a identidade é construída através das relações e contextos, e ao valorizar a literatura como um meio de fortalecimento identitário, podemos trabalhar para combater discriminações e promover a diversidade cultural. Dessa forma, a literatura se torna não apenas um reflexo da sociedade, mas também uma ferramenta de transformação social.

Assim, pela perspectiva de Trindade, (2010, p. 131-132) é fundamental o acesso à história e à cultura negra por meio da literatura infantil para a formação da identidade e autoestima de crianças negras. Essa literatura proporciona representatividade, permitindo que crianças se vejam refletidas em personagens e narrativas que valorizam suas raízes e experiências. Além disso, facilita discussões sobre diversidade e respeito, contribuindo para um ambiente escolar mais inclusivo. A presença de protagonistas negros nas histórias ajuda a combater estereótipos e promove uma visão mais ampla da cultura brasileira, essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

A representatividade na literatura é essencial para que não haja uma história única sobre os diferentes povos, culturas e lugares. Essa importância é marcada na fala da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, quando criança, sentia-se deslocada ao ler apenas contos de fadas com personagens brancas vivendo no frio, sendo ela negra morando em uma região quente (Adichie, 2013, p. 7). Nesse sentido, é fundamental que a literatura infantil seja vasta e eclética, apresentando uma diversidade de histórias e culturas. Isso contribui para a construção da identidade da criança, sendo especialmente importante para as crianças negras terem cada vez mais personagens principais negros com os quais se identificar.

Conforme afirma Eliane Cavalleiro (1998, p. 144), na faixa etária da Educação Infantil, já é possível identificar comportamentos preconceituosos nas crianças, os quais não podem ser ignorados. Dessa forma, a escola pode contribuir para romper as relações de dominação étnico-racial e de gênero e garantir o respeito a todos (Brasil, 2010, p. 42).

Além disso, é crucial que as crianças tenham acesso às narrativas que reflitam a diversidade étnica e cultural, promovendo uma educação mais inclusiva e igualitária.

Portanto, ressaltamos a importância do contato diário e não apenas esporádico, como nas datas comemorativas, com as histórias e as culturas africanas e afro-brasileiras e com personalidades e/ou seres ficcionais negros, pois eles ajudam a ampliar os modelos de referências positivas e de identidades das crianças no conhecimento da diversidade étnico-cultural de nosso país. Ademais, rompem com a "única história" dos negros e do continente africano, contada a partir do ponto de vista do homem branco europeu e marcada pela escravização, pela passividade, pela inferioridade e reconta a própria história da formação do povo brasileiro.

Capítulo II: As infâncias em *Da minha Janela* e em *Guayarê – o menino da Aldeia do Rio*

Neste capítulo, examino a representação das infâncias indígenas e negras nas obras *Da Minha Janela* (2008), de Otávio Júnior, e *Guayarê – o menino da Aldeia do Rio* (2006), de Yaguarê Yamã. O objetivo é investigar como essas narrativas retratam as experiências culturais e sociais dessas crianças negras e indígenas, enfatizando suas identidades e as dimensões emocionais de suas vivências. Por meio de uma análise crítica, busca-se compreender de que maneira a literatura infantil pode atuar como uma ferramenta de visibilidade e valorização das culturas e realidades indígenas e negras no contexto do Brasil contemporâneo.

2. Otávio Junior: “quero ver a favela vencendo através da minha arte”

O autor Otávio Júnior nasceu em 1983, no subúrbio do Rio de Janeiro. Além de escritor, é ator, faz performance literária, é contador de histórias e produtor teatral. É uma figura proeminente na literatura infantil brasileira contemporânea, com uma trajetória profundamente marcada por sua origem e experiência de vida nas favelas do Rio de Janeiro:



Imagem 1: Escritor Otávio Júnior. Fonte: <https://projecolabora.com.br/ods11/otavio-junior-o-dom-quixote-dos-livros-do-alemao/>

Nascido e criado no Complexo do Alemão, uma das áreas mais estigmatizadas da cidade, Otávio descobriu o poder da leitura e da escrita como ferramentas de transformação social:

Filho de pai pedreiro e de mãe dona de casa, Júnior conta que o universo cultural não fazia parte do seu cotidiano. Aos 8 anos, encontrou no lixo o livro infantil "Dom Gatão" (Ebal), o primeiro da coleção Peteleco. Esse foi um objeto transformador da sua vida. A partir desse momento, passou a se interessar mais por arte, literatura e o universo criativo. A paixão foi ampliada em idas a bibliotecas públicas, exposições, peças teatrais e oficinas de escrita. Vivências que o fizeram escritor, ator, contador de histórias e produtor teatral (Garcia, 2021, s/n).

Conhecido por se dedicar a criação de narrativas sensíveis sobre a vida nas favelas cariocas, especialmente na perspectiva de crianças negras, ele conta como surgiu a vontade de escrever:

Seriados de tv, futebol, pichação, bola de gude, pião. Como foi que tudo isso não roubou o espaço que os livros começaram a ter na minha vida? Agradeço a uma professora maravilhosa que apareceu quando eu ainda estava na segunda série. [...] Foi assim que continuei lendo feito louco, ano após ano. De tanto ler, bateu a vontade de me tornar escritor também (Otávio Júnior, 2011, p. 28-29).

Desde cedo, envolveu-se em projetos de incentivo à leitura em comunidades periféricas, o que o levou a se tornar o primeiro livreiro do Complexo do Alemão, experiência que inspirou sua obra "*O Livreiro do Alemão*" (2011). Sua trajetória é um exemplo de como a literatura pode ser um caminho de superação das adversidades sociais. Otávio Júnior é um defensor do acesso à cultura e à educação nas periferias, promovendo iniciativas de leitura e escrita em favelas, com o objetivo de aproximar crianças e jovens da literatura:

Ver os amigos do velho bairro sem interesse em ler motivou Otávio Júnior a criar a primeira biblioteca nas favelas do Complexo do Alemão e do Complexo da Penha. Além disso, ele criou o "Ler é 10", um projeto itinerante que levava livros para outros pontos da Penha e do Alemão. E mais: criou a "Barracoteca", um espaço de leitura no morro do Caracol e o projeto "Favela Lúdica", como pesquisador na área de educação. "Eu sou um ativista da literatura. A minha figura é bem importante para pensar em estratégias para democratizar os livros nas favelas. Não adianta eu pensar em muitas histórias e ganhar prêmios, se as pessoas da minha família e da minha comunidade não tiverem acesso ao que eu escrevo, aos clássicos nacionais, americanos e universais. O propósito de implementar esses projetos em favelas vizinhas foi o de compartilhar histórias (Garcia, 2021, s/n).

Para Otávio Júnior escrever histórias que valorizem a cultura afro-brasileira e as realidades das periferias, é um ato de resistência, porque é uma forma de dizer que elas existem e que suas histórias importam:

Eu acredito na força na literatura, da arte e da educação como uma ferramenta de transformação. Essa é a forma que eu encontrei para incentivar os jovens a buscarem, persistirem e insistirem nos seus sonhos. Eu quero olhar lá na frente e ver a favela vencendo através da minha arte e da minha perseverança. Eu

quero ver uma favela plural, [uma favela] conectada com a cultura, [uma favela] tecnológica. Conectada ao empreendedorismo e ao desenvolvimento’, sonha Otávio como sonham os meninos e meninas pretas ao lerem seus livros (Garcia, 2021, s/n).

Em reconhecimento ao seu trabalho, ele foi premiado com o *Prêmio Faz Diferença* do jornal *O Globo*, em 2015, por sua contribuição à educação e à cultura:

Mas, ao contrário do que muita gente imagina, eu amo a minha vida aqui. Posso dizer que tive uma infância feliz e que hoje me sinto realizado ao fazer um trabalho de incentivo à leitura com gente da minha comunidade. Sei, por experiência própria, que as crianças daqui têm uma visão muito estreita do mundo. Quase não saem da favela. Tudo é perto. A escola, a igreja, o campo de futebol, o mercadinho, as ONGs. Muitas nem conhecem a praia. Ficam presas aqui dentro. Foi a leitura que me libertou dessa prisão. Tudo isso me levou a receber o Prêmio Faz Diferença, do jornal O Globo, em dezembro de 2008. A reportagem também estampou o apelido pelo qual muita gente me identifica hoje em dia: "O Livreiro do Alemão". Uma história que começa no meio de um monte de sacos de lixo (Otávio Júnior, 2011, p. 6).

Em 2020, Otávio Júnior também venceu o *Prêmio Jabuti*, o mais prestigioso prêmio literário do Brasil, pelo livro *"Da Minha Janela"* (Otávio Júnior, 2020), o que consolidou ainda mais sua posição como uma voz importante na literatura infantil e na literatura juvenil contemporânea. Suas obras são caracterizadas por um profundo compromisso com a representatividade e o fortalecimento de identidades culturais negras e periféricas, usando a literatura como um meio para dar visibilidade a histórias e vivências que muitas vezes são marginalizadas: “O menino que um dia descobriu seu primeiro livro em um lixão venceu o maior prêmio literário do Brasil. Quem faturou a categoria livro infantil, do Prêmio Jabuti 2020, foi Otávio Júnior com a obra *Da minha janela*” (Garcia, 2021, s/n).

Além da obra *Da minha janela* (2019), algumas das publicações do autor incluem os livros infantis e juvenis: *De passinho em passinho: um livro para dançar e sonhar* (2021), *Morro dos ventos* (2020), *O chefão lá do morro* (2020), *Grande circo favela* (2019), *O garoto da camisa vermelha* (2019) e *O livreiro do alemão* (2011).

2.1 Da minha janela: entre a proteção e a descoberta do mundo

Em *Da minha janela*, Otávio Júnior constrói uma narrativa que transcende o simples olhar infantil sobre o mundo. A partir da perspectiva de um menino negro em uma comunidade periférica, o autor entrelaça poesia e ilustração em uma obra que resgata a potência do cotidiano e revela, de forma sutil, as dinâmicas de opressão e resistência

que permeiam esses espaços (Companhia das Letras, 2020). Embora seja uma obra infantil, a profundidade de sua abordagem faz com que ela convoque leitores de todas as idades a redescobrirem o mundo com um olhar mais atento e sensível. Não apenas as crianças, mas também os adultos são desafiados a reconsiderar suas percepções sobre a sociedade, os territórios de exclusão e as formas de marginalização que frequentemente passam despercebidas. Já na capa do livro, podemos observar todo universo que o olhar do personagem alcança. Conforme a imagem 1:

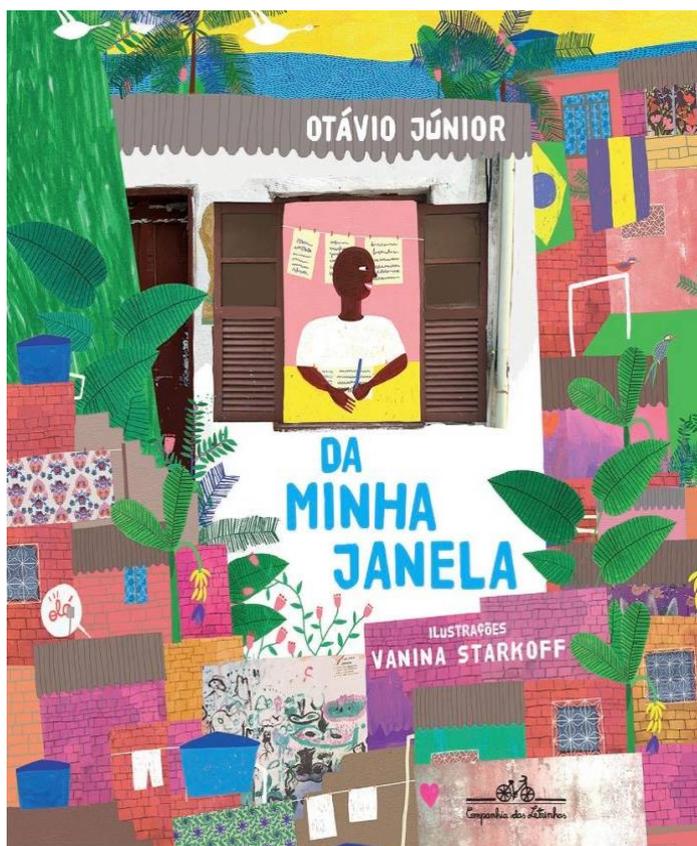


Imagem 2: Capa do livro *Da minha Janela*. Fonte: <https://a.co/d/dW80cI2>.

A janela, utilizada de forma magistral por Otávio Júnior, se apresenta como um dispositivo simbólico poderoso. Não é apenas um elemento físico que separa o mundo exterior do interior, mas um portal que oferece ao protagonista e ao leitor uma visão multifacetada da vida nas periferias. O menino observa o espaço ao seu redor, percebendo as cores, os sons e as vidas que se desenrolam fora de seu lar, experiências que, embora pareçam semelhantes à sua, trazem ensinamentos distintos e importantes. A janela se torna, assim, uma metáfora para a complexidade da infância, caracterizada tanto pela proteção e segurança do lar quanto pelos sonhos, desafios e descobertas que o mundo

exterior oferece. Como percebemos na imagem 3 e 4, a percepção do personagem sobre a cidade:

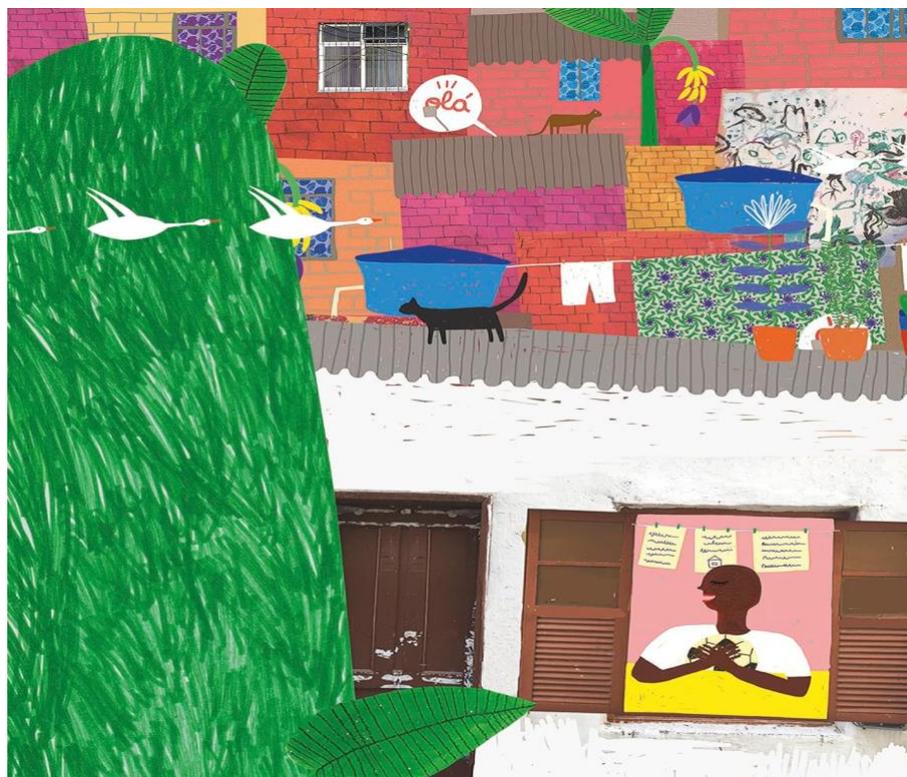


Figura 3. Fonte: Otávio Júnior (2008).

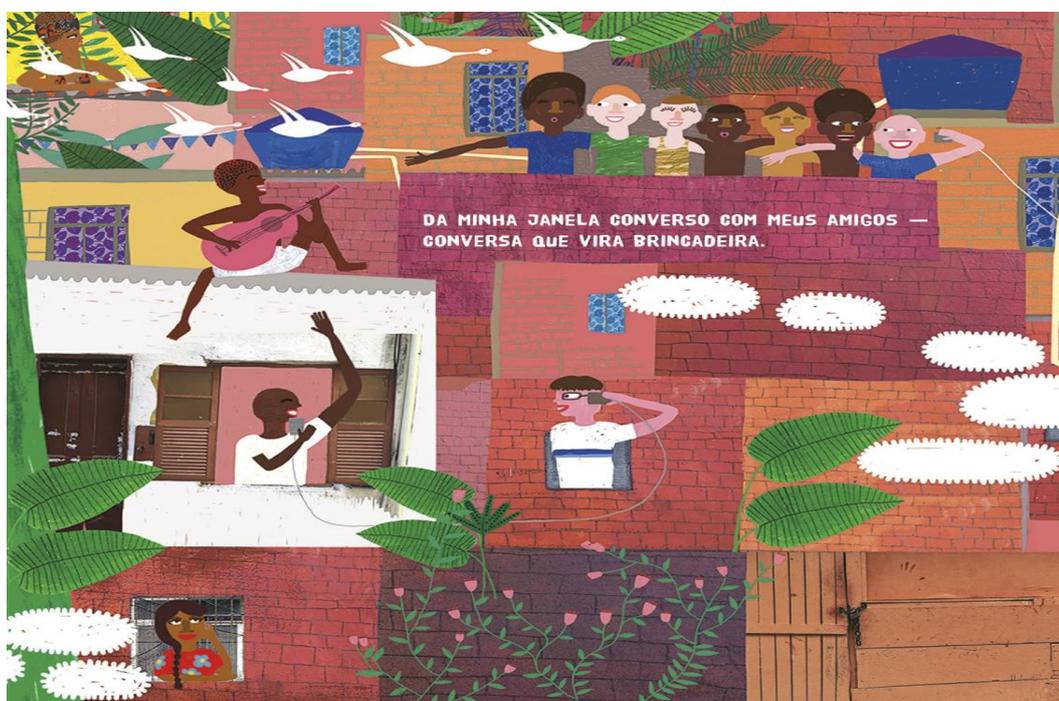


Figura 4. Fonte: Otávio Júnior (2008).

Otávio Júnior nos convida a refletir sobre as fronteiras físicas e simbólicas que separam as diferentes realidades dentro de uma cidade, destacando as demarcações territoriais que criam "ilhas" de segregação social. O conceito de inclusão/exclusão, abordado por Sawaia (2011), é crucial para entender a forma como o autor articula o espaço urbano. A favela, como território marcado pela exclusão, é um espaço de resistência cultural, mas também de marginalização, onde as subjetividades são moldadas tanto pelo pertencimento quanto pelo sentimento de discriminação. Segundo Sawaia (2011):

A dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado. Essas subjetividades não podem ser explicadas unicamente pela determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência (Sawaia, 2011, p. 9).

A narrativa de Otávio Júnior, portanto, vai além de uma simples descrição da vida periférica; ela explora a construção dessas subjetividades a partir do ponto de vista de uma criança que observa o mundo e começa a compreender as complexas dinâmicas sociais que o cercam:

GENTE QUE SONHA EM FAZER GOLAÇO NO MARACANÃ LOTADO.



Figura 5. Fonte: Otávio Júnior (2008).

A dualidade da janela em *Da minha janela* reflete a complexidade da sociedade. De um lado, ela é símbolo de proteção, proporcionando ao menino uma distância segura do mundo externo; de outro, ela se apresenta como uma passagem para um universo repleto de contradições. Gonçalves Filho (1998) aborda a questão das fronteiras culturais como espaços de revelação, destacando como essas interações geralmente ocorrem em contextos de dominação e resistência:

Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação. Mas essa experiência raramente acontece fora dos polos submissão-domínio. A cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade (Gonçalves Filho, 1998, p. 11).

A partir da janela, o protagonista começa a enxergar as desigualdades e injustiças que estruturam a vida em sua comunidade. Ele ainda não participa diretamente dessas dificuldades, mas suas observações revelam um despertar social, uma percepção de que o mundo ao seu redor é marcado por contradições que o desafiam a sair da posição de mero espectador.

A escolha de Otávio Júnior em ter uma criança como narradora amplifica a carga emocional e a sensibilidade da obra. A visão infantil, ao mesmo tempo ingênua e perspicaz, oferece uma honestidade crua que permite ao leitor vivenciar o mundo de maneira direta e não filtrada. A perspectiva infantil, segundo Deschamps e Moliner (2009), é fundamental para a construção da identidade, especialmente em contextos de exclusão:

A 'ameaça à identidade' é antes de tudo considerada como decorrente da inferioridade de um agente social numa dada situação. Os agentes sociais que tomam a iniciativa da diferenciação, da inovação, seriam aqueles que são negados por aqueles que lhe são superiores (Deschamps e Moliner, 2009, p. 43).

Na obra, a interação do protagonista com seus amigos é essencial para a construção de sua identidade e para a compreensão do conceito de pertencimento. As brincadeiras e aventuras compartilhadas na vizinhança, vistas a partir da janela, refletem uma infância rica em imaginação e liberdade, mas também em desafios. A amizade e os laços comunitários servem como formas de resistência às comparações desfavoráveis impostas por uma sociedade que marginaliza essas crianças.

A obra de Otávio Júnior também destaca a importância da comunidade na formação do protagonista. Em meio às adversidades percebidas pela janela, o menino

encontra em sua vizinhança um refúgio, um espaço de solidariedade onde ele pode explorar sua curiosidade e desenvolver sua identidade. A convivência com os amigos e vizinhos não é apenas uma fuga da realidade, mas um mecanismo de sobrevivência e de construção de resiliência. As interações sociais na favela criam um senso de pertencimento e fortalecem os laços que sustentam emocionalmente o protagonista em meio às incertezas do mundo exterior. Vejam a imagem 6:

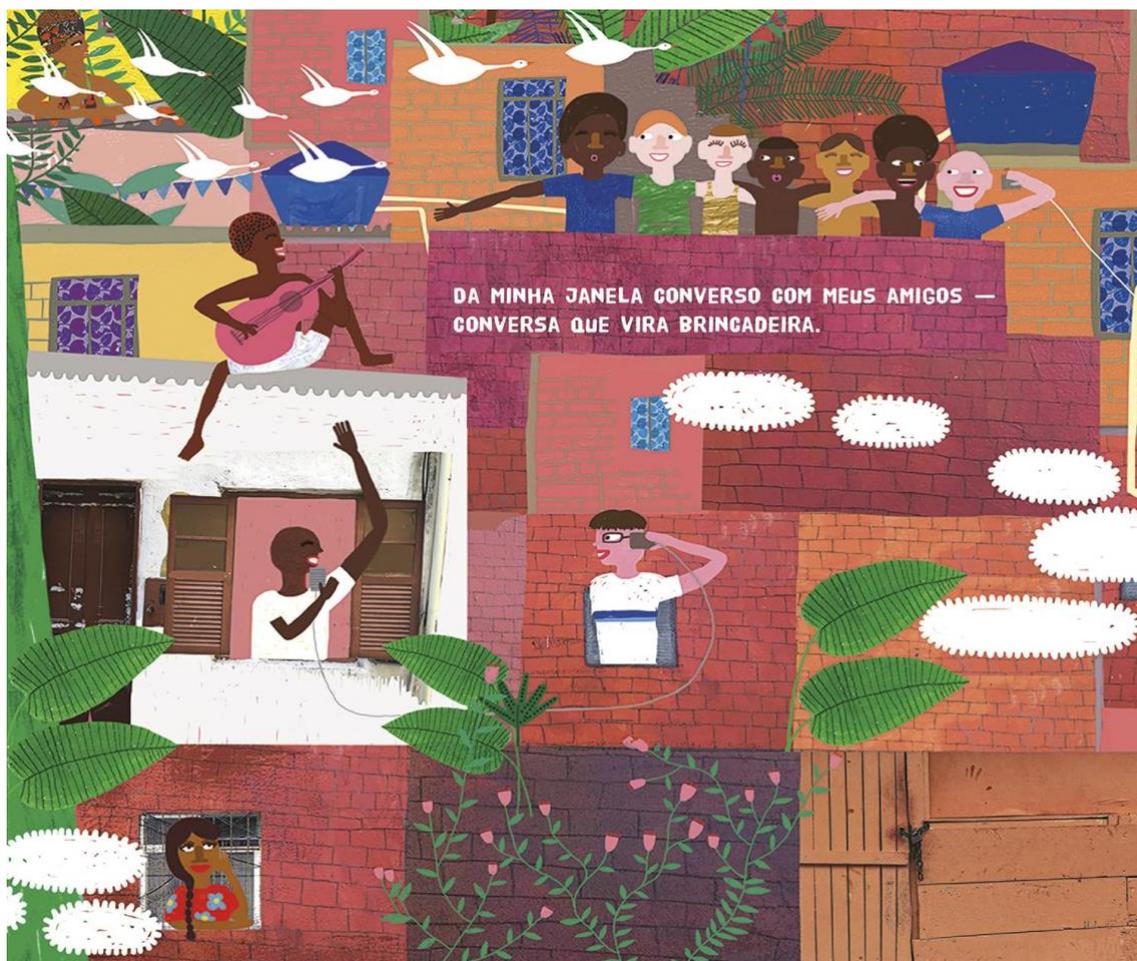


Figura 6. Fonte: Otávio Júnior 2018.

As experiências coletivas vividas na comunidade mostram como a infância pode ser um espaço de resistência, onde a imaginação e a brincadeira oferecem possibilidades de reconfiguração da identidade e de afirmação cultural. As amizades formadas no contexto da exclusão funcionam como um contra-discurso às narrativas dominantes que subjugam esses territórios e essas crianças.

2.1.1 Desafios e resiliência na formação da representação da identidade

Como vimos anteriormente, na obra *Da Minha Janela*, Otávio Júnior aborda com grande sensibilidade os desafios enfrentados pelo protagonista, um menino negro que observa o mundo ao seu redor a partir da janela de casa. Através dessa perspectiva limitada, mas reveladora, questões profundas como o preconceito, a violência e a desigualdade social emergem de maneira autêntica, refletindo a vida de muitas crianças que crescem em ambientes socialmente marginalizados. A narrativa nos leva a compreender como essas realidades impactam diretamente a infância de crianças negras e periféricas, cujo cotidiano é permeado por incertezas e restrições impostas pela desigualdade estrutural.

A obra destaca, por exemplo, as condições precárias das moradias nas favelas e a constante ameaça da violência que assombra a comunidade. Esses elementos retratam uma rotina de dificuldades, onde frequentar a escola se torna um desafio diário, cercado pelos perigos inerentes ao ambiente. O autor apresenta, com honestidade, as lutas cotidianas enfrentadas por essas crianças, desde a precariedade do espaço físico até a violência que condiciona suas vidas, especialmente em áreas carentes do Brasil (Otávio Júnior, 2019, p. 18): “Gente remendando o telhado, que estava quebrado por causa da chuva”.

No entanto, Otávio Júnior não se limita a descrever essas adversidades. Ele utiliza os desafios como motores para o crescimento e a resiliência do protagonista. Em vez de ser derrotado pelas circunstâncias, o menino desenvolve uma força emocional que é nutrida por sua capacidade de resistência. A amizade, a comunidade e a esperança de um futuro melhor funcionam como âncoras que o sustentam e o impulsionam a sonhar com novas possibilidades. Assim, o autor constrói uma poderosa narrativa sobre superação e resistência, que se desenrola à medida que o protagonista encontra maneiras de transcender as limitações impostas pela violência e pelas desigualdades sociais.

A janela, que inicialmente parece uma barreira entre o menino e o mundo, transforma-se ao longo da narrativa em um símbolo de possibilidade e esperança. Através dela, o protagonista vislumbra horizontes que lhe permitem sonhar com uma realidade diferente, mais justa e acolhedora. A visão limitada, mas sensível, de sua janela torna-se o ponto de partida para imaginar um futuro melhor, no qual ele possa romper as amarras sociais e alcançar novos espaços de pertencimento e realização pessoal:

GENTE COM LIVROS NAS MÃOS, A CAMINHO DA ESCOLA.



Figura 7. Fonte: Otávio Júnior (2018).

Um dos pontos centrais da narrativa é a construção da identidade racial do protagonista. Otávio Júnior trata essa questão com grande delicadeza, destacando tanto os desafios quanto as belezas de ser um menino negro em uma sociedade que, muitas vezes, marginaliza essa identidade. A violência racista que perpassa as experiências da população negra é abordada sutilmente, mas de forma incisiva. Costa (1982, p. 2) destaca que: “A violência racista do branco se exerce, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro”.

Nesse sentido, a obra resgata a importância de uma representação afirmativa da negritude, celebrando as raízes culturais afro-brasileiras e reforçando a necessidade de reconhecer e valorizar essa herança desde a infância. O menino não apenas enfrenta os desafios impostos por sua realidade, mas encontra na afirmação de sua identidade racial uma fonte de força e autoestima. Ao abordar o tema da identidade, o autor nos convida a refletir sobre como a infância é moldada por influências sociais e culturais que podem tanto fortalecer quanto fragilizar a construção da autoestima e da consciência crítica.

Rocha (2005) ressalta que a postura de uma criança em relação à sua identidade pode variar entre a afirmação de si mesma e a negação de sua história, dependendo de diversos fatores: "Isso depende de como sua autoestima é trabalhada, de como os familiares lidam com as diferenças, do enfoque dado pelos meios de comunicação a que a criança tem acesso e do conhecimento dos educadores sobre o tema" (Rocha, 2005, p. 213).

Na obra, o protagonista vivencia uma jornada de fortalecimento pessoal, em que a valorização de sua identidade racial desempenha um papel crucial na construção de uma visão positiva de si mesmo. Mesmo em meio às adversidades, ele encontra na aceitação de suas raízes afro-brasileiras uma fonte de empoderamento e resistência ao racismo. A obra, assim, torna-se um espaço de celebração da negritude e um instrumento de fortalecimento da identidade racial das crianças negras, que podem se reconhecer na trajetória do protagonista e perceber que, apesar dos desafios, têm o direito de sonhar, de resistir e de conquistar seu lugar no mundo.

A janela, símbolo central da narrativa, assume diferentes significados ao longo da obra. Inicialmente, ela se apresenta como um símbolo de proteção e distanciamento, separando o menino das dificuldades do mundo exterior. No entanto, conforme o protagonista amadurece e reflete sobre sua realidade, a janela transforma-se em um portal de possibilidades. Ela oferece ao menino a chance de olhar para além de suas circunstâncias imediatas e vislumbrar um futuro em que ele pode superar as barreiras impostas pela violência e pela exclusão social. Como podemos verificar na imagem 8:

**QUERO DESCOBRIR ONDE ESTÁ
O FINAL DO ARCO-ÍRIS. NÃO
POR CAUSA DO TESOURO:
QUERO DECIFRAR UM MISTÉRIO
QUE VALE MAIS QUE OURO...**



Figura 8. Fonte: Otávio Júnior (2008).

Ao longo da narrativa, a janela também se transforma em um símbolo de construção da identidade. O menino observa o mundo e, ao interagir com seus amigos e com a comunidade, desenvolve laços de pertencimento e solidariedade que são essenciais para sua formação emocional. Essas interações são vitais, pois oferecem ao protagonista a oportunidade de construir uma visão positiva de si mesmo, em contraste com as narrativas externas de exclusão:

A NOSSA BRINCADEIRA PREFERIDA É MICROFONE SEM FIO, QUE VIRA FUNK, QUE VIRA RIMA E SE TRANSFORMA EM POESIA.



Imagem 9. Fonte: Otávio Júnior.

A obra *Da Minha Janela* de Otávio Júnior é muito mais do que uma história sobre um menino que observa o mundo a partir de sua janela. Ela é uma poderosa reflexão sobre as múltiplas camadas de letramento – crítico, racial, literário e social – que formam a base para a construção de uma consciência crítica e empoderada. Ao utilizar a literatura como veículo para explorar questões sociais, raciais e identitárias, o autor oferece ao leitor, especialmente às crianças de contextos marginalizados, uma oportunidade de se verem representadas e de reconhecerem o poder da leitura e da escrita como ferramentas de transformação. O letramento, nesse contexto, não é apenas uma habilidade técnica, mas

um caminho para a emancipação, para a resistência e para a construção de novas possibilidades de ser e existir no mundo.

2.2 Yaguarê Yamã: como surge um escritor indígena

Yaguarê Yamã é um multifacetado autor indígena, líder do povo Maraguá, professor, geógrafo e artista plástico. Seu trabalho é amplamente reconhecido por sua contribuição à literatura indígena contemporânea, integrando com maestria a tradição oral dos povos originários e a expressão literária moderna. Nascido no Amazonas, Yaguarê se destaca ao incorporar em suas obras elementos profundos de sua ancestralidade, além de relatos e experiências vividas na infância em sua aldeia:



Imagem 10. Fonte: <https://www.itausocial.org.br/noticias/essa-historia-e-um-pedido-para-que-a-gente-volte-a-origem/>.

Yaguarê Yamã nasceu em 3 de outubro de 1973, na aldeia Yãbetué, localizada no município de Nova Olinda do Norte (AM), no coração do território Maraguá. Filho de mãe maraguá e pai sateré-mawé, ele carrega a herança cultural de ambos os povos, o que confere uma singularidade às suas obras. Sua infância, profundamente imersa na natureza, foi marcada por experiências como nadar em rios e colher frutas diretamente das árvores. Esses elementos da vivência cotidiana, em contato íntimo com o meio ambiente, moldaram sua percepção de mundo e são frequentemente evocados em suas narrativas literárias (Museu Pessoa, 2007, s/n).

Aos poucos, Yaguarê migrou para Parintins, onde iniciou sua educação formal e aprendeu o português, um processo que, para muitos indígenas, simboliza a transição entre o mundo tradicional e o moderno. Posteriormente, ele recebeu uma bolsa de estudos para cursar Geografia em São Paulo. A mudança para a capital paulista trouxe desafios – o clima e a solidão da cidade grande contrastavam fortemente com o ambiente natural e comunitário de sua infância (Museu Pessoa, 2007, s/n).

O desejo de contar histórias, herdado de seu pai, um contador de histórias tradicional, se manifestou cedo. Ao longo de sua carreira, Yaguarê desenvolveu uma sensibilidade literária que combina a tradição oral indígena com a escrita moderna. Em 2008, seu livro *Sehaypóri: o Livro Sagrado do Povo Sateré-Mawé* foi um dos cinco títulos brasileiros selecionados para integrar o catálogo White Ravens, da Internationale Jugendbibliothek, a maior biblioteca de literatura infantil e juvenil do mundo, localizada em Munique, Alemanha (Museu Pessoa, 2007, s/n).

Desde a infância, Yaguarê esteve imerso nas histórias dos povos Maraguá e Sateré-Mawé, culturas que compartilham uma relação histórica profunda. Os Maraguás habitam a região do rio Abacaxis, nos municípios de Nova Olinda do Norte e Borba, no Amazonas, e sua língua é um dialeto híbrido de nheengatu e aruak. No contexto cultural maraguá, as narrativas são transmitidas oralmente pelos "malilys", os pajés, na "mirixauaruca", a casa de conselho. É ali que as crianças aprendem sobre os valores e as sabedorias de seu povo. Essas experiências de aprendizado comunitário e oralidade ancestral exerceram uma influência decisiva sobre Yaguarê, que encontrou na literatura a ferramenta ideal para continuar esse legado cultural.

Na vida adulta, Yaguarê enveredou pelo caminho da poesia e das artes plásticas, com especial ênfase no conto ilustrado. Esse formato se mostrou perfeito para suas narrativas, pois permite expressar com imagens e palavras os mitos e as histórias de sua ancestralidade. Ele utiliza sua vivência pessoal como indígena para compor narrativas que, embora enraizadas em tradições milenares, dialogam diretamente com o público contemporâneo. Com mais de 30 livros publicados, seu trabalho constitui um acervo literário que combina a riqueza da oralidade tradicional com a estética literária moderna, oferecendo uma plataforma para que as vozes indígenas sejam ouvidas, reconhecidas e valorizadas (Pereira, 2021, s/n).

Entre suas obras mais notáveis está *Os Olhos do Jaguar*, ilustrado por Rosinha, artista pernambucana. A narrativa, que envolve personagens como um jaguar, um tatu e um passarinho, foi inspirada em uma história que Yaguarê ouviu ainda na infância. Como

é comum na tradição indígena, a fábula carrega ensinamentos valiosos, tanto para crianças quanto para educadores e pais, promovendo uma reflexão sobre os valores culturais e a relação entre os seres humanos e a natureza (Pereira, 2021, s/n).

Além dessa obra, outros títulos de destaque em sua carreira incluem *Puratig: o remo sagrado* (2001), *O Caçador de Histórias* (2004), *Urutópiag: a religião dos pajés e dos espíritos da selva* (2005), *Murûgawa: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá* (2007), *Guanâby Muru-Gáwa: a origem do beija-flor* (2012), *Formigueiro de Myrakãwéra* (2013), *Sehaypóri: o Livro Sagrado do Povo Saterê-Mawé* (2015), *Contos da Floresta* (2016), *A Origem do Beija-flor: Guanâby Muru-Gáwa* (2017), *Guayarê: o Menino da Aldeia do Rio* (2021), *12 Brincadeiras Indígenas e Africanas: da etnia Maraguá e de povos do Sudão do Sul* (2022, em parceria com Rogério Andrade Barbosa) e *Hary e Karimã: os Bons Velhinhos da Floresta* (2023).

2.2.1 Infância indígena: harmonia com a natureza e preservação da tradição

Em *Guayarê: o menino da Aldeia do Rio* (2021), Yaguarê explora o universo de Guayarê, um menino indígena de sete anos, oferecendo um olhar profundo sobre o cotidiano, as tradições e os ritos espirituais dos Maraguás. A obra é bilíngue, em português e maraguá, o que proporciona uma imersão mais completa na cultura indígena e constrói uma ponte entre a perspectiva do protagonista e as raízes culturais de seu povo. Ao escrever histórias como essa, Yaguarê reforça o papel da literatura indígena como um meio de preservação cultural e um convite para que o público não indígena se aproxime e compreenda melhor a riqueza dessas tradições.

Além de *Guayarê*, Yaguarê Yamã tem se consolidado como uma figura central na difusão da cultura indígena por meio de suas diversas publicações. Seu trabalho transcende a simples criação literária, atuando como um agente de resistência cultural e educador, ao apresentar ao mundo a sabedoria, a estética e as vivências dos povos originários do Brasil.

Desde as primeiras páginas, *Guayarê: o Menino da Aldeia do Rio* revela uma profunda conexão entre o protagonista e o ambiente natural ao seu redor. A descrição rica dos rios, florestas e animais vai além de uma simples ambientação, capturando a essência de como a natureza é vivenciada pela cultura indígena. Para Guayarê, a natureza não é

um elemento externo ou distante, mas um aspecto intrínseco à sua existência e formação. Conforme revela a imagem 11:

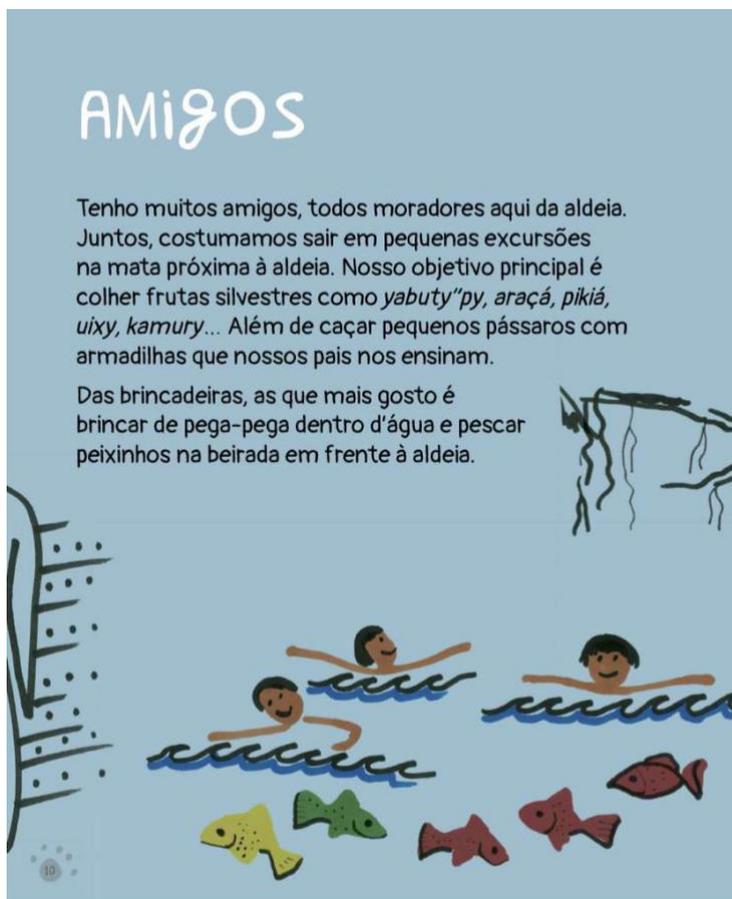


Imagem 11. Fonte: Yaguarê Yamã (2021).

Os rios e florestas desempenham um papel central em sua educação e crescimento. Através da interação com esses espaços, ele aprende a respeitar os ciclos naturais, as tradições, costumes e a entender os sinais da terra. Esses conhecimentos são transmitidos de geração em geração, reforçando a sabedoria ancestral do povo Maraguá, em que a relação com o meio ambiente é de interdependência e respeito. Para Guayarê, a natureza não é um recurso a ser explorado, mas um ser vivo com o qual se deve coexistir de maneira harmônica.

Além disso, a natureza age como um personagem ativo na vida de Guayarê, moldando suas experiências e sua percepção do mundo. O menino não apenas caminha pela floresta, nada no rio; ele se conecta com esses espaços como pertencimento, o que influencia diretamente sua identidade e seu entendimento de quem ele é como parte da comunidade Maraguá. A terra, os animais e seus amigos são seus professores silenciosos,

auxiliando na construção de sua visão de mundo e preparando-o para o futuro como um membro consciente e responsável de sua cultura:

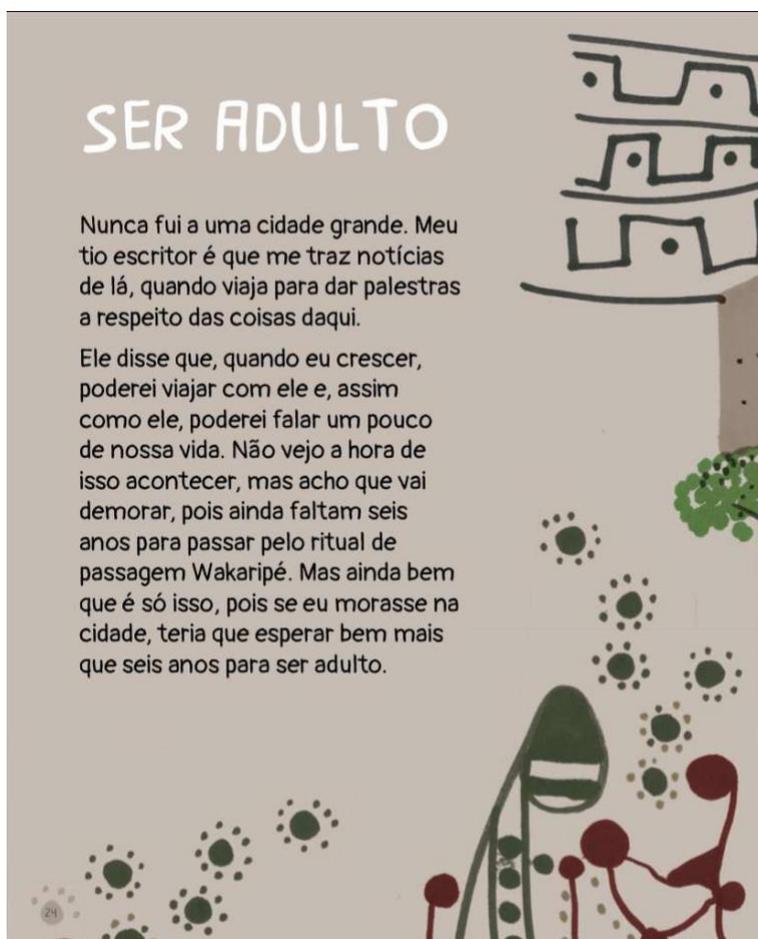


Imagem 12. Fonte: Yaguarê Yamã (2021).

O tio de Guayarê é um referencial e símbolo de representatividade, demonstrando que povos originários podem fazer movimento acadêmico e intelectual, sem perder sua identidade, inspirando o menino a seguir este caminho, observa-se: “Nunca fui a uma cidade grande. Meu tio escritor é que me traz notícias de lá, quando viaja para dar palestras a respeito das coisas daqui” (Yamã, 2021, p. 24).

Um dos aspectos centrais em Guayarê: o Menino da Aldeia do Rio é o processo de aprendizado que molda a infância de Guayarê. Desde cedo, ele é ensinado por seus pais e anciãos sobre os costumes, rituais e práticas que definem a cultura de seu povo. Esse aprendizado não ocorre de maneira formal, mas através de um processo intergeracional de transmissão de conhecimento, onde a oralidade desempenha um papel crucial. Perspectiva que o livro ser escrito modo bilíngue, seja na língua portuguesa e

Maraguá fortalece a identidade, como também a escola na aldeia que repercute para permanece a língua viva:

Minha escola se chama Santa Maria Yābetue'y e fica na aldeia principal, Yābetue'y, a uma hora de viagem. Toda manhã o catraieiro nos leva para estudar.

Lá eu aprendo muita coisa legal. Inclusive como escrever em meu idioma, o maraguá, atividade que está sendo recuperada (Yamã, 2021, p. 14).

A tradição oral, praticada entre os Maraguá, preserva séculos de sabedoria acumulada. O autor coloca no livro algumas palavras que cada sessão fala mais e o uso da língua maraguá, é um elo que conecta Guayarê com seus antepassados, garantindo que a herança cultural permaneça viva.

Importante analisar também que os ritos de passagem, como os que marcam a transição de Guayarê para a vida adulta, são elementos essenciais na construção de sua identidade. Esses rituais não apenas celebram a maturidade, mas também reafirmam o compromisso do indivíduo com a preservação da cultura e da língua:

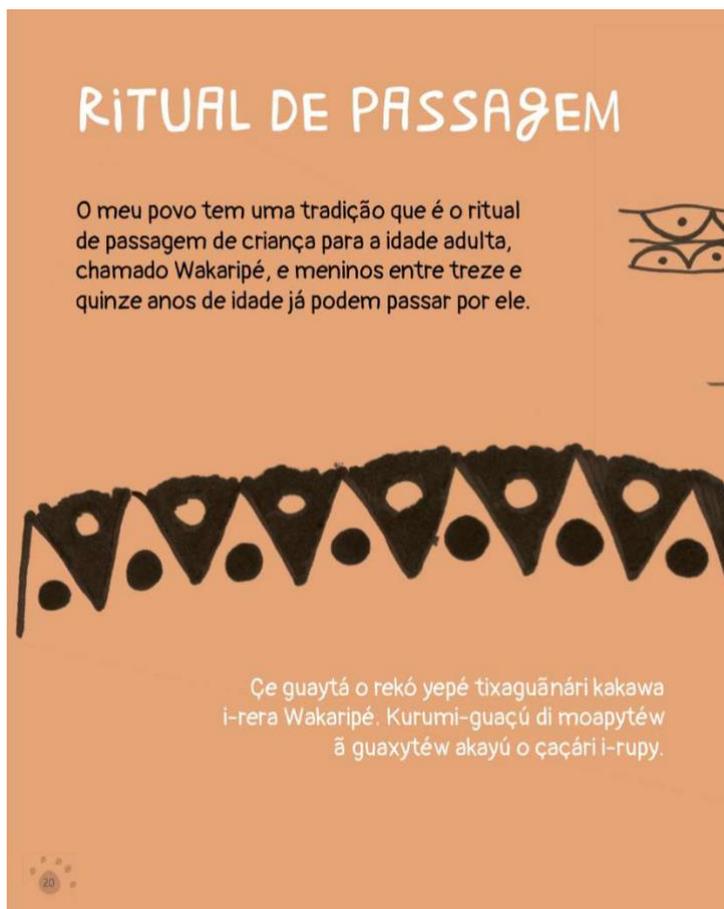


Imagem 12. Fonte: Yaguarê Yamã (2021).

Esse processo de aprendizado é vital para a sobrevivência do povo indígena, pois assegura que as futuras gerações estejam preparadas para enfrentar os desafios, respeitando e mantendo vivas as tradições e costumes de seus antecessores. Para Guayarê, aprender com os mais velhos é mais do que uma preparação para a vida; é um ato de responsabilidade cultural, em ele se torna o guardião das histórias, dos valores e das práticas que definem a identidade de seu povo.



Imagem 13. Fonte: Yagarê Yamã (2021).

2.2.2 Desafios e pertencimento na formação de Guayarê

Embora *Guayarê: o Menino da Aldeia do Rio* (2021) apresente uma visão poética e envolvente da infância indígena, a obra também trata, de forma sutil e sensível, dos desafios enfrentados por Guayarê e sua comunidade. A narrativa aborda a presença de influências externas, como a exploração dos recursos naturais e a incompreensão cultural, que geram conflitos e impactam diretamente a vida do povo Maraguá. Esses desafios não

se limitam ao plano material; eles atingem também o campo simbólico e cultural, estabelecendo um constante embate entre a preservação das tradições e a pressão da modernidade, que avança sobre o território indígena e ameaça o modo de vida ancestral.

À medida que enfrenta essas dificuldades, Guayarê passa por um processo de amadurecimento precoce. Ele é forçado a compreender o impacto dessas forças externas em sua própria vida e na de seu povo. A resistência e a resiliência tornam-se lições essenciais que ele aprende não apenas nas rotinas cotidianas da aldeia, mas também ao confrontar situações que colocam em risco o equilíbrio de sua comunidade. A obra, portanto, convida o leitor a refletir sobre as realidades que muitas crianças indígenas vivenciam, desde cedo lidando com a complexidade de crescer em um ambiente onde suas tradições e cultura estão sob constante ameaça de desaparecimento. Nessa perspectiva, a fala de Ailton Krenak (2015) ressoa de maneira profunda:

As pessoas se perguntam o que tanta gente diferente que se encontrou naquele momento, índios de diversas etnias ribeirinhos, seringueiros, podiam ter em comum. O que tinha em comum era o medo do progresso! No nosso caso, muito mais do que isso, era o medo do branco. Mas não de um branco qualquer. Existe todo um esquema, um acúmulo de capital... O índio achou que não sobreviveria a isso. Eu já me perguntei se íamos conseguir sobreviver a isso (Krenak, 2015, p. 220).

Essa observação de Krenak ecoa na experiência de Guayarê, que vê sua aldeia ameaçada pela expansão da modernidade, representada por interesses econômicos e ambientais que desconsideram as formas de vida indígenas. Embora os conflitos sejam abordados de maneira delicada no enredo, eles são fundamentais para o desenvolvimento do protagonista, lançando luz sobre a luta contínua dos povos originários pela preservação de sua identidade e modo de vida. A história de Guayarê, assim, vai além de uma representação lírica da infância indígena e expõe as dificuldades reais que as crianças de sua aldeia enfrentam.

Em passagens como a que segue, percebemos a importância da coletividade e do aprendizado cultural dentro da aldeia:

Aqui na aldeia, todos têm obrigações. Os homens têm o dever de caçar, pescar e proteger os moradores do perigo; as mulheres, de plantar e fazer a comida; e os meninos e meninas ajudam os adultos nessas tarefas. Um exemplo dessa ajuda é quando carregamos água em baldes de cuia, do rio para casa, de manhã ou quando se precisa (Yamã, 2021, p. 14).

Esse trecho revela como as crianças, desde cedo, são inseridas em um ambiente onde o aprendizado é prático e comunitário, moldando a identidade e a responsabilidade social de cada indivíduo. A identidade, aliás, é um tema central em *Guayarê: o Menino*

da Aldeia do Rio, refletindo a complexa realidade vivida pelo protagonista. Como criança indígena, Guayarê precisa conciliar sua rica herança cultural com as exigências impostas pelo mundo exterior, especialmente no que tange aos estudos e à inserção em uma sociedade que frequentemente desvaloriza suas tradições. Essa dualidade provoca uma reflexão profunda sobre o que significa ser criança em um contexto indígena, onde a cultura é não apenas uma herança, mas uma realidade viva, em constante diálogo com o presente.

A busca de Guayarê por pertencimento em sua comunidade é também uma luta para afirmar sua identidade em um mundo que, muitas vezes, invisibiliza ou estereotipa os povos indígenas. Através de suas vivências, o leitor é convidado a compreender que a cultura indígena não é uma relíquia do passado, mas uma manifestação dinâmica e atual, moldada por histórias, rituais e ensinamentos que permanecem fundamentais para a preservação e continuidade dessas tradições. Nesse sentido, Daniel Munduruku nos lembra da importância de se afastar dos estereótipos e de reconhecer a vitalidade dessas culturas: “Não era justo que nossos povos figurassem como folclore nas prateleiras como se fossem personagens de um passado que não existia mais” (Munduruku, 2016, p. 172-173).

Portanto, a narrativa de Guayarê transcende sua história pessoal e aborda questões coletivas sobre identidade, pertencimento e a importância da preservação cultural. A luta de Guayarê para se encontrar em meio às tensões entre a tradição e a modernidade reflete as experiências de muitos indivíduos que navegam entre diferentes mundos, enfrentando desafios semelhantes. A literatura indígena, como enfatiza Munduruku, vai além da palavra escrita, podendo ser “falada, dançada ou cantada”, com o objetivo de “informar a sociedade brasileira sobre sua diversidade social e linguística” (Munduruku, 2017, p. 122).

Assim, *Guayarê: o menino da Aldeia do Rio* não apenas conta uma história singular, mas também oferece uma poderosa representação das complexidades culturais e identitárias enfrentadas pelas crianças indígenas. A obra de Yaguarê Yamã contribui significativamente para a literatura infantil ao abordar, de forma lírica e profunda, temas como a preservação das tradições e os desafios da modernidade, ao mesmo tempo em que promove a reflexão sobre o futuro das culturas originárias.

Conclusão

Este trabalho explorou como a literatura infantil pode servir como um importante veículo para a celebração da diversidade, promovendo a inclusão e o fortalecimento de identidades culturais. A análise das obras de autores como Otávio Júnior e Yaguarê Yamã evidenciou que a literatura infantil contemporânea no Brasil tem o potencial de ressignificar as experiências de crianças negras e indígenas, proporcionando-lhes representatividade e visibilidade em um cenário muitas vezes marcado pela exclusão e preconceito.

Ao abordar a literatura infantil de uma perspectiva crítica, foi possível compreender como essas narrativas vão além do entretenimento, sendo poderosos agentes de formação cultural e desenvolvimento social. A literatura, ao refletir as vivências e culturas marginalizadas, oferece às crianças a oportunidade de se reconhecerem nas histórias, fortalecendo sua autoestima e senso de pertencimento. Nesse contexto, autores indígenas e afro-brasileiros como Daniel Munduruku e Kiusam de Oliveira desempenham papéis fundamentais ao resgatar tradições culturais e confrontar estereótipos raciais historicamente presentes na sociedade e nas produções literárias.

A discussão sobre o conceito de letramento também revelou a complexidade desse processo na formação do indivíduo. O letramento não se limita à decodificação de palavras, mas envolve a capacidade de interpretar, criticar e participar ativamente do mundo à sua volta. Nesse sentido, a literatura infantil, quando utilizada de maneira inclusiva e crítica, é uma ferramenta essencial para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa.

Além disso, foi destacada a importância de políticas públicas, como a promulgação das leis que propõem o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, que contribuíram para dar visibilidade a essas narrativas e valorizar a pluralidade cultural do Brasil. A presença dessas temáticas na literatura infantil não apenas empodera crianças de grupos historicamente marginalizados, mas também promove a conscientização e o respeito à diversidade entre todas as crianças.

Dessa forma, através das análises dos dados este trabalho reafirma o papel transformador da literatura infantil no processo de formação identitária e cultural das crianças. Ao proporcionar representações positivas e diversificadas, a literatura não só auxilia na formação de indivíduos mais conscientes e críticos, mas também contribui para a construção de uma sociedade que valorize a diversidade e promova a equidade. Assim,

as escolas, as famílias, as universidades etc. que investem em uma literatura infantil inclusiva, plantam um futuro mais justo e plural.

Referências

ADICHIE, C. N. “O perigo de uma história única”. *In: Por dentro da África*, 2013. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-perigo-de-uma-historia-unica-por-chimamanda-adichie>. Acesso em: 10 agosto 2024.

AZEVEDO, Ricardo. Presença Pedagógica. *In: Cadernos do Aplicação*. V. 14, n. 1/2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jan./fev. 2001.

BENTO, Oluwa Seyi Salles. Literatura negro-brasileira do encantamento infantil e juvenil: entrevista com Kiusam de Oliveira. *Revista Crioula*. São Paulo, nº 25, jan./jul. 2020, p. 357-364. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/172873/162299>. Acesso em 17 de ago, 2024.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GOMES, Luana Barth. *A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural*. Círculo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, 2012, p. 53-64.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 24 de dezembro de 1996.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*; 2º ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. *In: SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DESCHAMPS, J. C. e MOLINER, P. *A identidade em Psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FERREIRA, Vera Lopes de Almeida; CARDOSO, Sandra Maria da Silva; MACHADO, Maria Célia Magalhães. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. *Educação & Linguagem* [online], v. 7, n. 14, p. 109-122, 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GARCIA, Isabella. Livreiro do Alemão: "Quero ver a favela vencendo através da minha arte". *In: Ecoa UOL*, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/01/07/quero-ver-a-favela-vencendo-atraves-da-minha-arte-diz-livreiro-do-alemao.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 04/09/2024.

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação Social: um problema político em Psicologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

GRAÚNA, Graça. Literatura indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. *Educação & Linguagem*. São Bernardo do Campo, v. 15, n. 25, 2012, p. 266-276. Disponível em: <<https://goo.gl/59zHQN>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

INSTITUTO ALANA. “Literatura indígena: respeito e pertencimento”, 2021. Disponível em: <https://alana.org.br/literatura-indigena/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

KRENAK, Ailton. Coleção Encontros. Organização Sérgio Cohn. Rio de Janeiro, 2015.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. *Memórias de índio: uma quase autobiografia*. Porto Alegre: EDELBRA, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. *Mundurukando2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores*. São Paulo: UK’A Editorial, 2017.

MUSEU DA PESSOA. Entrevista de Yaguarê Yamã (Ozias Glória de Oliveira), 2007. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/o-sater-escritor/>. Acesso em: 05/09/2024.

OLIVEIRA, Kiusam. Entrevista. In: BENTO, Oluwa Seyi Salles. Literatura negro-brasileira do encantamento infantil e juvenil: entrevista com Kiusam de Oliveira. *Revista Crioula*. São Paulo, n° 25, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/172873/162299>. Acesso em 17 de ago, 2024.

OTÁVIO JÚNIOR. *Da minha janela*. Ilustrações: Vanina Starkoff. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

OTÁVIO JÚNIOR. *O livreiro do alemão*. São Paulo: Panda Books, 2011.

OTÁVIO JÚNIOR. O olhar da janela que rendeu um Jabuti a Otávio Júnior, o Livreiro do Alemão. In: *O Globo Época*, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/cultura/o-olhar-da-janela-que-rendeu-um-jabuti-otavio-junior-livreiro-do-alemao-24792092>. Acesso em: 04/09/2024.

PEREIRA, Jullie. Yaguarê Yamã – “Essa história é um pedido para que a gente volte à origem”. In: *Itaú Social*, 2021. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/essa-historia-e-um-pedido-para-que-a-gente-volte-a-origem/>. Acesso em: 05/09/2024.

ROCHA, Lauro Cornélio da. A formação de educadores(as) na perspectiva etno-racial na rede municipal de ensino de São Paulo (2001-2004). *In: ROMÃO, Jeruse. (Orgs.) História do Negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, S. K. B. M. M. S. O que é ser negro no Brasil? Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro. *Cadernos Imbondeiro*, João Pessoa, v. 2, n. 1, 2012, p. 1-12.

SAWAIA B. B. Identidade: Uma ideologia separatista? *In: SAWAIA, B. B. (org.) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 11 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, p. 121-129, 2011.

SCHWANTES, Marcia Gisela; DEBONI, Marcus A.; DE OLIVEIRA, Eneida Maria de Souza. A lei n. 11.645 e a visão dos professores do Rio de Janeiro: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*. V. 23, n. 72, p. 1-24, 2018.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUSA, A. L. A Representação da personagem feminina negra na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira. *In: BRASIL. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 185-204. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.com> .

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.

YAMÃ, Yaguarê. *Guayarê: o menino da aldeia do rio*. São Paulo: Biruta, 2021.